



26° Congresso de Stress da ISMA-BR
(International Stress Management Association)
28° Fórum Internacional de Qualidade
de Vida no Trabalho

18° Encontro Nacional de Qualidade
de Vida na Segurança Pública
18° Encontro Nacional de Qualidade
de Vida no Serviço Público



FLÂNEUR, ACELERAÇÃO DO COTIDIANO E TRABALHO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES SOBRE SAÚDE MENTAL

Liana Bohrer Berni; Manoela Machado Soares
Universidade Franciscana

INTRODUÇÃO

O conceito de *flâneur* emerge na França do século XIX, no contexto da Revolução Industrial e das transformações urbanas de Paris, sendo retomado por Walter Benjamin em suas reflexões sobre Charles Baudelaire como figura de resistência à normatização social e à racionalidade produtivista da modernidade (BENJAMIN, 2021). O *flâneur* assume a posição de observador urbano crítico, sensível e atento ao cotidiano, em contraposição ao utilitarismo e à aceleração que atravessam a vida moderna (GRÓS, 2010). O flanar, nesse sentido, não é mera ociosidade, mas uma forma de habitar o espaço urbano com presença e escuta, gesto que hoje adquire dimensão de cuidado em saúde mental. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as transformações do mundo do trabalho contemporâneo brasileiro e suas implicações no distanciamento do indivíduo em relação a si, ao outro e à experiência espaço-temporal urbana, a partir da perspectiva do flanar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica não sistemática, de natureza exploratória, que articula obras clássicas e contemporâneas sobre o *flâneur*, a modernidade, a organização do trabalho e a saúde mental do trabalhador. A revisão bibliográfica privilegiou autores que articulam a crítica ao modo de produção capitalista com a dimensão subjetiva e existencial do trabalho, permitindo uma leitura interdisciplinar que transita entre a filosofia, a sociologia do trabalho e a saúde coletiva.

MARCO CONCEITUAL

O referencial teórico articula os conceitos de *flâneur*, modernidade e contemporaneidade às transformações recentes do trabalho, especialmente no que se refere à aceleração social, à alienação e à intensificação dos ritmos de produção e consumo. Conforme Benjamin (2021), o *flâneur* representa uma figura de resistência à lógica produtivista. Lafargue (2021) evidencia que a moral capitalista tende a reduzir o sujeito à função produtiva, subordinando sua existência às exigências do trabalho. Antunes (2018) aponta que o novo proletariado de serviços, imerso na lógica digital e flexível, aprofunda essa condição ao embaralhar as fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de vida.

RESULTADOS

Os achados indicam que o trabalho contemporâneo, inserido na lógica capitalista, permanece orientado por uma racionalidade utilitarista que valoriza a produtividade constante e transforma o tempo em recurso econômico (ANTUNES, 2018). Tal dinâmica produz repercussões importantes sobre a saúde dos trabalhadores, incidindo sobre a experiência subjetiva, as relações interpessoais e a forma de habitar a cidade. Observa-se um esvaziamento da experiência sensível do espaço urbano e das relações humanas, substituídos por uma lógica funcional, individualizada e acelerada de circulação e permanência na cidade. A Psicodinâmica do Trabalho aponta que a rigidez da organização do trabalho, marcada pela prescrição excessiva de tarefas, pelo controle do tempo e pela supressão da criatividade, tende a bloquear a possibilidade de ressignificação do sofrimento, favorecendo o adoecimento psíquico. Nesse campo, compreende-se que o prazer no trabalho depende da possibilidade de mobilização subjetiva e de reconhecimento, condições cada vez mais fragilizadas pelo modelo produtivista contemporâneo. Nesse contexto, a figura do *flâneur* emerge como contraponto simbólico: ao flanar, o sujeito recupera a dimensão sensível da experiência, rompe com a lógica da utilidade e resgata o encontro com o próprio desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o flanar pode ser compreendido como prática de resistência simbólica e cuidado em saúde mental, ao favorecer a reconexão com o tempo, com o espaço urbano, com a experiência sensível e com a própria subjetividade. Em um contexto de aceleração social e intensificação das demandas laborais, retomar o direito ao caminhar sem destino e à presença atenta no cotidiano urbano constitui um ato de resistência à lógica que reduz o sujeito à sua função produtiva. O estudo contribui para reflexões no campo da Saúde do Trabalhador ao propor o flanar como categoria analítica e prática de cuidado, articulando cultura, subjetividade e saúde mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo; 2018.
- BENJAMIN, W. Baudelaire e a modernidade. Tradução José Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- GRÓS, F. Caminhar: uma filosofia. Tradução Lília Ledinha da Silva. São Paulo: É realizações, 2010.
- LAFARGUE, P. O direito à preguiça. São Paulo: Veneta; 2021.